

Manaus ontem e hoje: transformações do espaço urbano e memória popular¹



Lucynier Omena Melo²

Resumo

O presente trabalho busca descobrir, na Manaus de hoje, as bases pelas quais se dão as relações sociais no ambiente urbano. A pesquisa foi desenvolvida a partir de um estudo de caso acerca das festas populares na cidade sob o prisma das obras de memórias de dois reconhecidos amazonenses: Thiago de Mello e Jefferson Péres. A opção pela comparação com a Manaus do passado deu-se pelo fato de a comemoração escolhida, uma festa junina, estando fundamentada na tradição e na repetição, mostrar com mais clareza os elementos que se perderam ou se modificaram no decorrer do tempo.

Palavras-chave

Manaus; cidade; rua; cotidiano; festa.

¹ Trabalho de aproveitamento da disciplina A Cidade e o Urbano na Amazônia, do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – ICHL/UFAM, 2001.

² Bacharel em Ciências Sociais pela UFAM, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM.

Abstract

This work tries to discover in the modern Manaus under which bases the social relationships are carried out within the urban area. The research was established on the written memories of two recognized amazonenses, Thiago de Mello and Jefferson Péres. The option for the comparison with the city of the past is due to the fact that the chosen celebration – a street party from June festivities – is based on tradition and repetition, showing more clearly the elements which have been lost or modified by the time.

Keywords

Manaus; city; street; routine; party.

Introdução

O tema escolhido para este artigo é a cidade e nela a festa. A festa não só como lazer, mas também como a utilização de um espaço público: a rua, por um grupo de moradores, no sentido de integração, de envolvimento, de apropriação de um espaço.

Inúmeros autores trabalham a cidade e diversos são os conceitos que abrangem o termo. Ela pode ser definida como “o lugar da realização de um projeto de vida basicamente por meio da possibilidade de emprego estável, da aquisição da casa própria, do acesso à escola e aos serviços de saúde” (MAGNANI, 1998, p. 23). Contudo, ela não significa apenas o lado material e prático da vida. No espaço urbano misturam-se razões e emoções, dramas e comédias, o sagrado e o profano, a vida e a morte. É o palco onde existe “uma materialidade de espaços construídos e vazios, assim como é um tecido de relações sociais [...]” (PESAVENTO, 1999, p. 32). Por outro lado, “é também o lugar de morar, de trabalhar, de circular, e de cuidar do corpo e do espírito” (OLIVEIRA, 2000, p. 9). Compreender a cidade é perceber as múltiplas faces que constroem a sua totalidade, que definem, delimitam e dão identidade a seu espaço. A cidade é uma obra e “não há obra sem uma

sucessão regulamentada de atos e de ações, de decisões e de condutas, sem mensagens e sem códigos [...]” (LEFEBVRE, 1991, p. 48).

A cidade escolhida para análise é Manaus, no período em que ocorre o que se convencionou chamar de festas juninas. Manaus possui os problemas característicos de seu tempo, e que são comuns às cidades que se introduzem no mundo da fronteira virtual, do rompimento de valores. A seu modo, procura resgatar sua identidade e descobrir qual o seu rosto. O que se percebe de imediato é a existência de um sem-número de problemas, tanto de ordem social quanto individual. Incrustada na imensidão dos rios e florestas, palco de momentos de esplendor e isolamento, mesclada etnicamente, Manaus aparentemente possui as características do urbano, com os problemas e estilos de vida característicos da cidade no sentido moderno do termo, sem ter ainda se desfeito totalmente de suas raízes rurais, nos valores, nas crenças, sobretudo no modo de interagir socialmente.

O ponto de partida do trabalho é a leitura de duas obras de memórias: *Manaus, amor e memória*, do poeta Thiago de Mello e *Evocações de Manaus: como eu a vi ou sonhei*, do escritor Jefferson Péres. Recorrer à memória teve por finalidade melhor compreender como foi produzida esta cidade, como foram estabelecidas as relações sociais no espaço e no tempo, e como se deu sua formação histórica sem estar atrelada à história em si, pontual, impessoal e compartimentada. O resgate da história através da memória tem a vantagem de ser enriquecida pela vivência pessoal, recheada de realizações e frustrações, viva por conter nomes, referências, trânsitos entre pessoas diferentes, lembranças e saudades.

A intenção em nenhum momento foi de fazer entre os dois autores comparações; contudo elas acabaram sendo inevitáveis no decorrer da leitura. Se os dois têm estilos diferentes em suas narrativas e escolheram períodos distintos para descrever – Thiago de Mello prendeu-se aos anos 30 e 40 e Jefferson Péres descortina a Manaus dos anos 40 e 50 – o sentimento que os move é o mesmo: tirar do baú da memória um estilo vivido pela cidade, resgatar personalidades que ajudaram a construir o cenário da capital do Amazonas, porém descrevendo-as com as tintas do coração.

Pensar o urbano perpassa multiplicidades de sentimentos. A cidade é dinâmica, conquanto abrigue em seu interior a rotina e o cotidiano. O vivido que produz o



espaço é fruto de práticas ao mesmo tempo coletivas e individuais, que determinam e estão submetidas às relações institucionais, mas que movimentam e dão vida à cidade.

A festa na rua, neste sentido, apresenta-se como um palco, em que um grupo de pessoas que compartilham o mesmo cotidiano remodelam seu espaço e recriam uma forma diferente de interação.

Embora seja uma fuga da rotina, a festa é ao mesmo tempo o refazer de um ciclo, uma vez que o ano está em eterna continuidade: o carnaval, a semana santa, as festas juninas, etc. Encontramos no calendário brasileiro uma programação bem vasta. Sendo assim, de tempo em tempo somos convocados a uma comemoração, e ao participar do ato, de uma certa forma, estamos dando sentido à vida. Ao celebrar a festa, o indivíduo ao mesmo tempo se comemora, pois ele produz e é a festa, sendo possível, por esta razão, a superação das dificuldades, dando oportunidade para quem a vive de alegrar-se, de conviver, de redescobrir-se por pertencente a um grupo.

Para Carlos Rodrigues Brandão (1989, p. 8), existem no Brasil diferenças na preferência do tipo de festa, entre a cidade e o campo. No ambiente urbano, predominam as festas cívicas e profanas, de âmbito nacional, como a semana da pátria e o carnaval, por exemplo. No interior, há um maior envolvimento das pessoas com as festas locais, como a festa da colheita e as religiosas, na comemoração do padroeiro da cidade. Nas cidades menores predomina o reconhecimento de um “nós” coletivo. Nos centros urbanos, em virtude do distanciamento que o próprio estilo de vida impõe, as comemorações têm um caráter mais individual, como o festejar do aniversário.

Mas existem determinadas festas que extrapolam os tipos citados. São festas promovidas por grupos de pessoas que conseguem unir seus membros em torno de um mesmo objetivo: criar uma situação de bem-estar, sem deixar faltar os elementos indispensáveis a uma comemoração: a música, a dança e a comida. Deste modo, a festa é pensada e posta em prática. São distribuídas tarefas, cada um contribuindo de acordo com suas possibilidades.

De todo este processo, é possível extrair uma verdade: faz-se presente o espírito de equipe na organização e na expectativa de viver a festa.

É este urbano sensível, vivo, pleno de sentimentos e de ações, que penso apreender, redescobrimo no presente, a Manaus do passado dos dois escritores.

A cidade

Manaus e a região amazônica como um todo são uma fonte inesgotável para o imaginário. A localização geográfica e o contato constante com a natureza costumam ser uma armadilha ao observador menos atento. Sendo assim, usar a literatura como ponto de partida incorreu num enorme conflito que, se a princípio ajudou a compreender um pouco desta cidade, ao mesmo tempo exigiu maior rigor na análise. Em determinados momentos foi difícil me desvencilhar da influência de Jefferson Péres e de Thiago de Mello. O conflito dava-se em decorrência do estilo destes dois amazonenses extremamente poéticos. Era obrigada o tempo todo a procurar sob o lúdico, desvendar os limites do real e do imaginário. Ao passar suas memórias para o papel, eles resgatavam a cidade que tinham no pensamento. A Manaus retratada nas duas obras por vezes era mais “imagens irreais, construídas pelas sensações do vivido, do percebido e do sonhado” (PESAVENTO, 1999, p. 98), do que um lugar concreto, com limites e contradições. Mas ela existiu de fato, foi palco de revoltas, como a Revolução Ginásiana; de crimes que chocaram a cidade, como o caso Delmo. A rígida moral da época e a punição imposta aos que infringiam os valores vigentes; os loucos que transitavam pelas ruas, como a Carmem e o Bombalá, não passaram despercebidos aos autores.

Esta viagem pela literatura foi importante para conhecer a Manaus que existia antes da Zona Franca, o período entre o final do fausto da borracha e a implantação de indústrias multinacionais na cidade. Mesmo que os autores não tivessem a intenção de contar a história de Manaus, eles a incorporaram à sua vida, permitindo-me penetrar no espaço físico de cidade, conhecendo os dramas, as experiências e as paixões dos escritores e das demais pessoas que povoaram seus mundos.

A cidade narrada pelo poeta Thiago de Mello é um tanto estranha para mim. Uma cidade semi-marginal, em que “um assassinato, de resto acontecimento bem raro, era um assombro” (1984, p. 38). Não havia bairros distantes, nem ônibus

lotados, mas sim bondes, que além do transporte regular, serviam também ao lazer: as pessoas costumavam, aos domingos, passear nesses veículos pelos lugares mais distantes.

Não havia o excessivo contingente de desempregados e de menores pedintes nas esquinas. Nesta cidade, os vizinhos misturam-se à família e é muito forte o respeito pela idade, pelos laços que os unem, seja de parentesco, seja de vizinhança. É uma cidade cabocla, de personalidade forte, que, segundo Thiago de Mello, soube fazer valer seus princípios e valorizar sua cultura. É meiga, calorosa, de valores morais rígidos. Um lugar em que o tempo, “antes de tudo, era um tempo de tempo. Um tempo em que o tempo dava” (1984, p. 33). A vida, aparentemente, não tinha pressa, e o calor, característico de nosso clima, só servia para deixar a cidade mais alegre.

O poeta nos fala de sons e de cheiros, dos cinemas, do colégio onde estudou, enfim, dos tantos lugares existentes na cidade. A Manaus de Thiago de Mello é uma cidade repleta de sentimentos. No espaço por ele delimitado, aparentemente, não havia maldade, fome, fofoca, briga de vizinhos, intriga [...] Predominava a harmonia.

No verbete reservado às ruas, encontrei as referências mais curiosas sobre a Manaus de sua época. Para o poeta, a rua da sua infância “não era apenas a ‘via pública’, o caminho de acesso. E nem era só o prolongamento da casa: muito mais, era um lugar onde a casa fica, o campo mágico onde a vida florescia” (1984, p. 199). Os moradores eram mais que simples moradores, eram personagens ativos na construção da história de seu espaço. A rua em que moravam não era um endereço apenas, mas o lugar da residência, do lar, do coração. Cada dona de casa era uma mãe, e cada criança na rua era um filho. Os companheiros de brincadeiras eram irmãos. Os mais velhos detinham a sabedoria e eram respeitados por isto.

O livro de Jefferson Péres, num certo sentido, repete o espírito saudosista utilizado por Thiago de Mello em sua obra. Sem possuir o lirismo do poeta, à sua maneira, Jefferson Péres passa para o leitor uma Manaus humana e sensível, sendo construída numa época, para uma época. A cidade era pequena e todos se conheciam. Se não gozavam de relativa amizade entre si, conheciam-se de vista. Caminhar pelas ruas, segundo ele, demandava tempo, pois, a cada passo, encontrava-se um conhecido e aí se iam horas de prosa.

As relações de vizinhança eram idênticas às narradas por Thiago de Mello. Jefferson Péres define essas relações como amizades “que se tornavam íntimas, francas, sem-cerimônia. Para estes a casa era aberta e podiam entrar sem pedir licença. Não havia qualquer inibição em mandar buscar, no vizinho na hora do almoço, café, sal ou açúcar que estivesse faltando” (PÉRES, 1984, p. 22). Havia a solidariedade na hora da dor – doença ou morte – e nunca faltava boa vontade para ajudar a preparar festas de casamentos ou aniversários. As vizinhas sentavam-se à noite para conversar nas calçadas enquanto as crianças, sob o olhar das mães, brincavam de roda, de manja, correndo em ruas “tão tranqüilas que a presença de um carro sempre despertava curiosidade” (p. 23).

A partir da narrativa dos dois autores, percebi que a Manaus daquela época possuía valor de uso. A cidade pertencia a seus moradores. As praças, os cinemas, o mercado, as ruas e avenidas faziam parte da vida de cada um. As calçadas eram locais de conversas, o banho, nos igarapés limpos e convidativos, era um direito de todos depois da semana de trabalho e estudo. Havia, por parte dos moradores, o sentimento de pertencimento à cidade. Esta sociedade possuía “o poder simbólico de domínio sobre a cidade, do sentir-se urbano, do ser visto e reconhecido...” (PESAVENTO, 1999, p. 68). Isto constatei não apenas das leituras, mas por meio de informações obtidas de pessoas que viveram esta fase da cidade.

A sociedade manauara construiu seu espaço e teceu as relações entre seus membros a partir do que lhe foi dado viver e sentir pelos hábitos, costumes e tradições dos que aqui viviam e dos que vieram de fora, processo que teve seu apogeu com o *boom* da borracha. Com o declínio deste ciclo econômico, o Estado voltou-se para a produção extrativista, fazendo com o que a cidade adquirisse um ritmo mais lento de mudança, ou melhor, de desenvolvimento. Talvez aí se encontre a explicação para a harmonia que os dois autores captaram, a aparente ausência de contradições sociais. Manaus, certamente, possuía problemas graves que escaparam ao olhar um tanto conservador dos dois amazonenses. A preocupação presente nos trabalhos do sociólogo André Araújo é apenas um dos aspectos demonstrativos da existência de vários conflitos sociais. A criação de instituições de amparo aos jovens, sua idéia de combate à marginalidade através de uma política preventiva pela educação (ARAÚJO, 1967), apresenta um lado da cidade que aparentemente não foi captado

pelos dois autores e desmistifica a idéia romântica por eles apresentada. Mas, acredito que podemos defini-la como uma cidade que foi criada individual e coletivamente, num cenário distante e exótico, e que conseguiu construir o seu espaço.

Contudo, a cidade é dinâmica. Ela muda, e tudo que a compõe altera-se também. Manaus não foi exceção. A introdução dos produtos estrangeiros no estilo de vida dos manauaras, a criação do parque industrial e o crescimento desordenado em virtude do aumento populacional alteraram significativamente o modo de vida e, por conseguinte, as relações entre os moradores e destes com o espaço urbano. Manaus passava por um processo de transformação: o centro, palco da infância e juventude de Thiago de Mello e Jefferson Péres, aos poucos, dava lugar às casas comerciais. Os imóveis tinham suas fachadas modificadas, perdendo seu estilo arquitetônico em função da necessidade de um número cada vez maior de lojas. Neste contexto, era imprescindível, devido ao aumento do valor imobiliário, o maior aproveitamento dos espaços disponíveis. A promessa de emprego trouxe para a cidade um novo contingente de imigrantes. Se no apogeu de extração da borracha o predomínio foi de nordestinos, desta vez atraiu indiferenciadamente pessoas de todas as regiões do mundo e do país.

Ao final da década de 60 a diferença começa a se fazer sentir. A cidade passava a ter características associadas ao urbanismo moderno, em alguns casos, à frente em certas questões, como exemplo, o parque industrial. Manaus possuía área de concentração de fábricas sem fumaça, aparentemente sem poluição, num período em que as preocupações ecológicas ainda eram vozes espaçadas e quase inaudíveis.

O aumento populacional trouxe uma característica do urbano inexistente na cidade dos dois escritores: o anonimato. Manaus não era mais a mesma, e como à cidade quem lhe dá vida são seus habitantes, e forma os indivíduos, este processo fez com que referenciais fossem perdidos, valores fossem substituídos, novas identidades fossem construídas, reformulando os espaços de representação, ou seja, os espaços vividos. É através do espaço de representação que se pode ter uma compreensão da cidade no seu interior, e dela fazer uma leitura, pois é nele que melhor se observam como se dão as relações na sociedade, principalmente as que não estão estabelecidas objetivamente. Manaus, neste aspecto, não se diferencia das demais cidades. Possui em seu interior espaços de representações similares aos de

outros centros, cabendo aqui a definição que Henry Lefebvre (1986, p. 43) dá ao termo, extraído de seus estudos sobre cidades em outras regiões do mundo. Segundo este autor, é nos espaços de representação que encontramos “os símbolos complexos (com ou sem codificação) ligados ao lado clandestino e secreto da vida social”.

As relações de amizade que num momento anterior se dão pela proximidade da moradia, pela semelhança das ocupações profissionais, passaram a ser estruturadas sobre novos parâmetros. A pouca estabilidade no emprego impediu a formação de laços mais intensos entre colegas de trabalho. O crescimento da cidade para lugares afastados do Centro e a crescente mobilidade residencial dispersaram as relações. As pessoas pertenciam a vários grupos sem, contudo, dever fidelidade a nenhum. Suas relações eram impessoais, superficiais, transitórias e segmentárias. O cidadão manauara acentuou sua reserva em relação ao outro e, por conseguinte, à sua solidão.

É característico da cidade em processo de modernização a existência de espaços que simultaneamente se constroem e se relacionam de modo diferente. Este aspecto, que faz parte do caráter multifacetado do urbano, permitiu o surgimento de grupos que resistiram à adoção de comportamentos padronizados, de uma certa forma fugindo ao individualismo. Esta pequena parcela pautou suas relações privilegiando a proximidade, resgatando o compadrio, praticando, como na pequena comunidade, um policiamento mais rigoroso sobre seus membros, mas ao mesmo tempo reconhecendo as vantagens do companheirismo, da troca, da presença física em todos os momentos.

A rua

Podemos iniciar definindo a rua como um lugar de passagem, de trânsito. Espaço necessário que permite o acesso até à casa. Espaço cuja prioridade é a circulação. Ela possui diversos aspectos, podendo ser uma grande avenida ou estrada de terra batida. Pode ser larga ou estreita, comprida ou curta. Ela é também caracterizada como o oposto da casa. Se a casa representa a segurança, a proteção contra as intempéries e a violência, o espaço da rua por vezes é hostil, e por mais que a conheçamos intimamente, ela pode nos amedrontar e não raro, surpreender-nos.

Contudo, a rua é também a referência. Ela pode constituir-se como identidade dos indivíduos. Ela tem idade, tem história, pode ser simpática ou inspirar suspeitas. A rua comporta a casa, que é habitada por pessoas que sonham, fazem planos, têm esperanças, ambições, medos e incertezas.

A rua trabalhada aqui vai além de um espaço de circulação, de um corredor de acesso à residência. É o lugar em que convivem indivíduos que se interrelacionam quotidianamente, que dividem entre si fragmentos de vida e que é, por vezes, também uma extensão da casa. Ela é o espaço onde laços de amizades são solidificados, em decorrência de relações tecidas pelos que moram próximo.

A vida na cidade forjou entre os vizinhos um tipo de relacionamento. É no morador da casa ao lado que muitas vezes se encontra a ajuda necessária para enfrentar os problemas diários, bastando para isto que seja estabelecido um elo de confiança e identificação entre os moradores. Se bem trabalhadas, estas relações podem ser até mais fortes que as de parentesco.

O espaço que escolhi para pesquisa de campo, à primeira vista, era um local que possuía as características comuns de um conjunto de casas populares, localizado na periferia de uma cidade com mais de 1 milhão de habitantes. Parte da cidade de Manaus, de seu sistema político, mistura de várias histórias, espaço de convívio de pessoas de diversas origens, que em nada fazia pensar a não ser no conjunto um fruto deste tempo: pessoas de várias classes sociais, lutando para sobreviver num mundo em que impera o desemprego, a violência, a falta de perspectiva nos mais jovens e de esperança nos mais velhos. O campo escolhido foi uma festa no conjunto Cidade Nova I, realizada na noite de São João. O conjunto, construído pelo governo do Estado e financiado a longo prazo, através do sistema financeiro para a população de baixa renda, está situado no bairro do mesmo nome, localizado na Zona Norte da cidade.

Segundo Luce Giard (1997, p. 37), um bairro pode ser analisado a partir de duas perspectivas: 1. pelo aspecto físico do espaço e suas configurações administrativas; 2. através de uma análise sócio-etnográfica da vida cotidiana. Em decorrência da natureza deste trabalho, privilegiarei a segunda definição, conceituando o bairro como um espaço público, delimitado geograficamente, onde os fatos do cotidiano se desenrolam.

Ser de um lugar é ser aceito e a aprovação está vinculada ao cumprimento de determinadas regras, dentre elas a adoção de comportamentos e posturas que o identifique com os moradores do lugar. É ser do pedaço, conforme a definição de Guilherme Magnani, “o local onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que os fundados nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade [...]” (1998, p. 116).

Esta relação está fundamentada numa espécie de troca. São delimitadas regras de comportamento a serem seguidas, e cada morador, como condição para viver bem, obriga-se a cumpri-las, ao mesmo tempo em que exerce sobre os demais também um policiamento velado. O indivíduo ao adotar um bairro como seu, ao cumprir estas normas, passa a possuir o direito sobre ele, a criar uma relação de pertencimento com lugar.

Estas regras, no entanto, não estão vinculadas a um código ético ou moral vigente na sociedade mais ampla. São “leis” criadas pelos moradores, regras específicas que comportam linguagens e códigos próprios. A pessoa, ao adotar um bairro como seu, fá-lo ciente das regras que perpassam os indivíduos e o cotidiano do lugar.

Os moradores que organizaram a festa residem no local desde o primeiro semestre de 1981, ano em que as primeiras casas do conjunto foram entregues à população. Dentro do conjunto, constitui-se uma área privilegiada por ser da primeira etapa, estando suas casas em grande parte reformadas e está localizada num espaço bastante arborizado. No início, a vida ali era muito difícil, não havia transporte adequado, policiamento, nem posto médico. Logo se descobriu que o espírito de solidariedade seria fundamental para a sobrevivência das pessoas dali.

Segundo Pesavento (1999, p. 201), “como uma criança, as ruas nascem, batizam-se, crescem, desabrocham, plenas de vida. E, tal como as pessoas, são diferentes entre si”. Os moradores das ruas deste pedaço se diferenciavam enormemente. Havia relativa coesão entre eles, mas normalmente cada um vivia sua vida. A rua aonde foi realizada a festa diferenciava-se das demais pelo forte laço de amizade que foi criado entre os que nela moravam. Nesta rua, especificamente as relações desenvolveram-se de modo diferente, havendo no princípio uma forte

interação entre os vizinhos. Formou-se um time de futebol com os homens, e as mulheres geralmente se encontravam à noite e aos sábados para fazer trabalhos manuais, como pintura em tecido, crochê, etc. As crianças brincavam (e brigavam) juntas, e ao ficar maiores freqüentaram o mesmo Jardim de Infância. As mães, ou eram tias ou madrinhas. Muitas, entre elas, tornaram-se comadres.

Achei interessante ir ao local ainda pela parte da tarde para ver como as coisas estavam se desenvolvendo. Assim, por volta das 17 horas, dirigi-me para lá, portando os refrigerantes que me couberam por contribuição e minha máquina fotográfica, pensando em retratar a festa desde os seus preparativos. A rua já havia sido fechada com alguns pedaços de madeira e em seu início uma fogueira havia sido montada, demonstrando já de longe o sentido da festa que se avizinhava.

Havia chovido muito e a água destruiu as bandeirinhas que decoravam o local. Foi com surpresa que encontrei as jovens responsáveis pelo trabalho – algumas garotas entre 14 e 15 anos –, inconsoláveis, por verem o trabalho da semana inteira destruído em alguns minutos. Além do trabalho perdido, a rua estava feia e suja de papel de seda despedaçado. Essas jovens organizadoras estavam aflitas, pois já haviam dado como certa a presença de seu professor de Religião. Pelo que pude perceber, um convidado ilustre.

Enquanto elas pensavam em resolver o problema da sujeira, os rapazes sentados na esquina comportavam-se como se tomassem conta da rua. Nenhum carro entrava, nem dos moradores, mas isto parecia a ninguém incomodar. Quem chegava, estacionava o carro na entrada, formando uma barreira protetora em volta da fogueira, impedindo mais ainda o livre trânsito no lugar.

Percebi nesta atitude, além da apropriação da rua por parte dos organizadores da festa, o reconhecimento dos moradores não só da necessidade de uso do espaço, mas também do direito de apropriar-se dele. A rua, que é pública, mais do que nunca pertencia ao conjunto de seus moradores, extrapolando o sentido de espaço de circulação. Naquele contexto, a rua era a extensão da casa, e na “gramaticidade dos espaços brasileiros, rua e casa se reproduzem mutuamente, posto que há espaços na rua que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social ou pessoas, tornando-se sua ‘casa’[...]” (DAMATTA, 1997, p. 55).

E como casa ela precisava ser preparada, enfeitada com bandeirolas, varrida para ser apresentada não só aos seus moradores – que certamente não se sentiriam bem numa “casa” suja, desorganizada – como também aos demais convidados, os de “fora” da rua.

Uma das formas encontradas para superar um pouco a frustração com o estrago provocado pelo temporal foi a compra de balões que, segundo as jovens, junto com as palhas, disfarçariam a pouca quantidade de bandeirolas que havia sobrado. Sem perda de tempo, as garotas, com algumas senhoras, passaram a varrer o local, tirando os papéis molhados do chão e fazendo com que a rua assumisse o papel que lhe cabia naquele momento: um local limpo, agradável e alegre, à imagem de seus moradores. A rua passava a representar os anseios daquele grupo, revelando o sentido que seus moradores davam a ela: uma continuação do próprio lar.

A festa

As festas possuem duas características: podem ser particulares, como quando se comemora um aniversário, a colação de grau, ou a celebração do casamento, por exemplo, e podem ser públicas, como o Natal, a passagem de ano, o carnaval ou as festas juninas. Estas realizadas no mês de junho, de origem cristã, homenageiam quatro santos da Igreja Católica: Santo Antônio, São João, São Pedro e São Paulo. A festa trabalhada aqui aconteceu no dia de São João, e, como é comum nesse tipo de festa, a principal característica é a presença de uma fogueira, de comidas típicas, a brincadeira com fogos de artifícios e as adivinhações ao redor da fogueira.

A festa pode ser concebida como uma quebra da rotina. Num mundo onde impera a necessidade de sobrevivência, em que a casa, à noite e nos fins de semana representa a possibilidade de descanso, de retraimento, talvez de encontro consigo mesmo, uma festa, tenha ela o sentido individual ou coletivo, é como uma chamada ao reencontro com amigos, a dividir com eles momentos de descontração, de alegria. Segundo Brandão (1989), a festa é um lugar simbólico, possuidora de um código e de uma mensagem. Ou seja, é um local em que está implícito que determinadas coisas devem ser esquecidas em função da celebração, do acontecimento.

Portanto, quem participa de uma, sabe que deve esquecer os incômodos do dia-a-dia, e a ela se entregar sem muitas reservas.

Dirigi-me ao local por volta das 20 horas. A fogueira já ardia e, pelas calçadas, os convidados e moradores da rua espalhavam-se. Em frente das casas estavam montadas as mesas com guloseimas. Havia *tacacá* e duas churrasqueiras repletas de vários tipos de carnes. Em seguida, duas mesas imensas: na primeira, comidas e salgados. Havia arroz, vatapá, maionese e farofa, além de pratos, talheres e copos descartáveis. Na outra mesa, algumas variedades de doces como bolo de macaxeira e de milho, pudins, etc.

Sentei-me defronte da casa da vizinha que havia me convidado, uma espécie de líder na rua, e fui conversar com as demais pessoas. Diverti-me bastante com a forma como algumas das senhoras estavam vestidas: com roupas de quadrilha, de “*maria-chiquinha*” no cabelo, davam ao conjunto um tom de comicidade, ao mesmo tempo em que não deixava de denotar a espontaneidade, uma característica que percebi, permeou toda festa. Pessoas que no dia-a-dia são reservadas, tímidas, assumiam um outro comportamento: cantavam acompanhando a música, transitavam entre os vizinhos. A festa tem este sentido: o de restabelecer laços. O indivíduo, ao participar de uma comemoração, reafirma a sua ligação com os demais; festeja-se e é festejado, resultando no final encontrar um sentido de vida. Esta festa a seu modo reafirmava um estilo de vida, delimitava um território, dando aos moradores domínio e o sentido de pertencimento à rua, por conseguinte, à cidade. Saíam da rotina, faziam-no sem necessariamente afastar-se do seu mundo; pelo contrário, tanto as pessoas quanto o lugar apenas vestiam uma roupagem diferente.

Comecei a prestar atenção nas conversas. Na semana anterior, um dos moradores do *pedaço* havia sido vítima de um assalto à mão armada, na própria rua onde se desenrolava a festa. O assalto, acrescido da morte violenta no trânsito, naquele mesmo dia, de um outro vizinho, comerciante das imediações, dava às conversas uma conotação diferente.

A noite foi transcorrendo tranqüila e divertida. Entre um saco de pipoca e outro, fui ouvindo o drama de uma vizinha com o filho que bebe descontroladamente, que *até já perdeu emprego bom por conta disso*. Afastei-me em outra direção e ouvi um

outro dizer que estava vendendo a casa, por estar *atolado* em dívidas. Era um senhor, motorista de táxi, que teve seu carro envolvido num acidente de trânsito. Devido à morosidade da Justiça, quando o laudo favorável a ele saiu um ano depois, não havia mais como refazer sua vida.

Achei, num primeiro momento, tudo muito contraditório. Ao mesmo tempo em que havia um clima de alegria e descontração visível, os dramas individuais não eram esquecidos, nem deixados de lado. Depois, refletindo melhor, concluí que até nesse aspecto havia uma certa coerência. É através da prática espacial que se percebe como se dão as relações sociais entre determinados grupos. De acordo com Lefebvre (1986, p. 42), é a sociedade tal qual ela se apresenta, “que engloba produção e reprodução lugares especificados e ao mesmo tempo espaços próprios a cada formação social, que assegura a continuidade numa relativa coesão”.

Penso que não havia naquelas pessoas a intenção de “chorar miséria”, nem comover o outro. Era a sua realidade que estavam compartilhando com outros iguais a eles, que se não tinham o mesmo problema, certamente tinham outro de igual tamanho e importância. Aquela era a rotina deles, a sua vida. A festa talvez diminuísse a intensidade das angústias e das apreensões, pelo menos momentaneamente, mas a realidade estava presente mesmo nos momentos de descontração.

O ponto culminante foi a chegada de uma quadrilha do bairro do Manoa, que vinha dançar para animar a festa. Antes, houve lá no Manoa um certo tumulto, pois não havia carro grande o bastante para comportar todos os membros. O fato era encarado com pesar, pois os brincantes queriam muito fazer aquela apresentação. O mais importante para eles, segundo comentários, era dançar, apresentar-se a uma platéia. Mesmo assim, incompleto, eles conseguiram chegar, fazendo uma apresentação bastante interessante e animada. Os membros, das mais variadas idades e alturas, formavam um conjunto heterogêneo que, ao contrário de parecer desproporcional, deixava claro a quem a eles assistia que havia sido formado por uma única razão: proporcionar diversão.

Quando a quadrilha saiu, os moradores prepararam-se para formar sua própria dança. Todos participaram: crianças, adultos, homens, mulheres, namorados, enfim,

todos entraram na brincadeira, sob a orientação do senhor que havia levado a quadrilha anterior, sendo este, a meu ver, o ponto alto da noite.

Assim, a festa encaminhou-se para o final. Aos poucos, as pessoas foram dispersando-se. A comida que sobrou foi repartida entre os que queriam levá-la. As mesas recolhidas, ainda houve um tempo para comentar os momentos mais interessantes da noite. Por fim, cansados pelo trabalho do dia e pelas brincadeiras, com a lembrança do vizinho que seria enterrado no dia seguinte, os retardatários despediram-se e recolheram-se às suas casas.

Considerações finais

A cidade como hoje se apresenta, em certo sentido, está muito distante daquela que apreendi com os romancistas. Ela transformou-se, foi vestida com novas roupagens, que lhe deram novos significados. A população readaptou-se. A festa narrada é um exemplo concreto disto. O espaço, a rua, os moradores antigos e novos, que se uniram para a concretização do festejo, fizeram-no em um contexto diferente do vivido pelos dois autores: a violência, o desemprego, a vida mais difícil e a morte mais presente no cotidiano. Mas o sentido de apropriação, no que diz respeito ao pertencimento àquele espaço, este ainda continua presente.

Aquilo que, por princípio, tinha um cunho religioso – a homenagem era a um santo –, hoje desapareceu substancialmente. O que se percebe é uma celebração voltada muito mais para um sentido profano, sem ou quase nenhuma conexão com os aspectos transcendentais. Apesar da imensa fogueira, não percebi nenhuma brincadeira de adivinhação ou simpatia. Acredito que este ponto foi bastante representativo da cidade no sentido contemporâneo, pois se percebe nitidamente “a pasteurização do urbano, destruindo a memória, substituindo o velho pelo novo” (PESAVENTO, 1999, p. 16). O novo – diferente no sentido de que adquiriu outras características – era as coreografias das músicas de boi de Parintins. Os discos do Caprichoso e Garantido foram os mais tocados e dançados.

Thiago de Mello, num verbete intitulado “P de passar fogueira”, revela a preferência na festa junina do passado pelas brincadeiras de adivinhação e de criação

de parentesco. A opção pela dança de boi, nos moldes atuais, demonstra o predomínio de uma prática que esquece ou ignora o passado, que esfacela uma tradição.

Acredito que Manaus ainda possui em sua área urbana nichos cuja temporalidade não é equivalente ao vivido pela sociedade de modo geral. São relações que tiveram, na origem, práticas rurais, mas que no contato com o urbano criaram grupos específicos que conseguiram dar ao espaço que ocupam o predomínio do valor de uso, transformando o que seria um lugar de passagem, como a rua, num ponto de referência e de identidade.

Contudo, essa homogeneidade não é permanente: aos poucos ela vai revelando suas contradições. O grupo tem afinidades, juntos escreveram sua história naquele lugar. Não só a rua é extensão da casa, mas também a casa do vizinho é apropriada, a partir do momento que é transposto o espaço da casa reservado aos de “fora” – a sala na nossa cultura. As diferenças por vezes não se apresentam de forma velada, mas surgem num comentário aparentemente descontraído. Pode ser o salário do marido de uma que é maior, o estilo da casa da outra, construída com maior bom gosto, ou um jovem já colocado no mercado de trabalho. Há entre eles indicadores de diferenças. Mas essas diferenças são o que os fazem iguais neste mundo moderno. É o que reafirma possuir a cidade, “não apenas diferenças de classe e ocupação, mas todo um *ethos*, uma socialidade e uma carga de valores que vêm associados àquelas diferenças básicas e originárias, comprovando o quadro de contraste da cidade” (PESAVENTO, 1999, p. 16).

A rua torna visível os opostos. A festa, por todas as possibilidades que ela apresenta de vivenciar ciclos, de permitir a transgressão, de escapar à rotina, minimiza as angústias individuais, faz esquecer os problemas da vida diária. Isso torna possível perceber a festa não só como uma pausa, uma parada na rotina, mas também como a consagração do próprio ato de existir.

Referências

ARAÚJO, André Vidal de. *Proteção à infância e à juventude no Amazonas de hoje*. Manaus: Imprensa Oficial, 1940.

- _____. Psicologia e educação. *Boletim do IGHA*, Manaus, ano 1, n. 5, 1972.
- _____. Transcendência do problema – Educação. In: *Estudos de pedagogia e antropologia sociais*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1967.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Papirus, 1989.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- GIARD, Luce. O Bairro. In: CERTEAU, Michel de. (Org.). *A invenção do cotidiano – morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1997. v. 2.
- LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. 3^{ème}. éd. Paris: Éditions Anthropos, 1986.
- _____. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço – cultura popular e lazer na cidade*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MELLO, Thiago de. *Manaus, amor e memória*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984.
- OLIVEIRA, José Aldemir de. *Cidades na selva*. Manaus: Valer, 2000.
- _____. *Manaus dura e doce, em excesso*. (texto digitado)
- PÉRES, Jefferson Carpinteiro. *Evocação de Manaus – como eu a vi ou sonhei*. Manaus: Imprensa Oficial, 1984.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade – visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- SARTI, Cyntia Anderson. *A família como espelho – um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.